

PERCEPÇÕES SOCIOAMBIENTAIS DE PESCADORES ARTESANAIS

Janniera Mariana dos Anjos Lima,

Mestra em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental – PPG EcoH,
Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus VIII, Paulo Afonso, Bahia,
janniere26_@hotmail.com

Adriana Maria Cunha da Silva

Docente do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana – PPG EcoH,
Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus VIII. Paulo Afonso, Bahia.

RESUMO

A percepção socioambiental consiste na aptidão de olhar e interpretar o comportamento de outros indivíduos acerca da natureza e de seus recursos, conexo a isso, este trabalho pesquisou sobre as percepções dos pescadores artesanais relacionadas aos peixes capturados no município de Delmiro Gouveia-AL e a participação disso na Gestão Socioambiental. Sendo realizado no mês de maio de 2016, na Associação dos Pescadores, Colônia Z-26, através de visitas e conversas informais, com a aplicação de questionários. Os resultados mostraram que os peixes mais capturados atualmente são: Tucunaré, Apanhari, Tilápia, Corvina, Curimatã, Mandi-amarelo, Caboje (Mandi-armado) e Pacamã. Na percepção dos pescadores estes peixes são imprescindíveis a sua sobrevivência, ao qual 90%, são vendidos e utilizados para a própria alimentação. Apenas o Mandi-amarelo e o Caboje (Mandi-armado) são usados para fins medicinais. Os pescadores possuem conhecimento acerca dos nomes vulgares e utilização dos peixes, porém que 90% dos entrevistados não respeitam sua época reprodutiva. Estes atores sociais necessitam de acompanhamento de órgãos ambientais e universidades para desempenharem a pesca sustentavelmente em suas comunidades.

Palavras-chave: Meio Ambiente. Peixes. Tradicional

ABSTRACT

Socio-environmental perception consists of the looking and interpretation of other people's behaviors about nature and its resources. Connected to it, this work researched about the perception of fishermen in relation to the captured fishes in the city of Delmiro Gouveia, Alagoas State, and its participation in socio-environmental management. This study was conducted in May 2016, in the Fishermen Association, Z-26 Colony, through visits, informal conversations and a questionnaire. Results showed that the most captured fishes nowadays are: *Tucunaré*, *Apanhari*, *Tilapia*, *Corvina*, *Curimatã*, *Mandi-Amarelo*, *Caboje (Mandi-Armado)* and *Pacamã*. For the fishermen, these fishes are indispensable

in their survival, being 90% of these sold or used for their own alimentation. Only *Mani-Amarelo* and *Caboje* are used for medicinal purposes. Fishermen have knowledge about the popular names and how to use fishes, however, 90% of the interviewees do not respect fishes' reproductive season. These subjects need to be accompanied by environmental agencies and universities in order to develop a sustainable fishery in their communities.

Keywords: Environment, Fishes, Traditional.

INTRODUÇÃO

A percepção socioambiental consiste na aptidão de olhar e interpretar o comportamento de outros indivíduos acerca da natureza e de seus recursos, é o significado que se atribui à informação bruta recebida pelos nossos sentidos (NASCIMENTO, 2010).

Os meios social e ambiental caracterizam narrativas muito interessantes na descrição da vida das populações humanas, principalmente das ribeirinhas. As junções desses dois meios formam a expressão socioambiental, manifestando o surgimento de uma nova relação entre natureza e cultura, onde a consciência ambiental aparece frente a uma necessidade de reintegração entre o homem e o meio natural (LEFF, 2001).

Neste contexto, as práticas de comunidades tradicionais como a de pescadores, tornam-se importantes ferramentas para os estudos conservacionistas, auxiliando no conhecimento da flora, fauna e ecologia dos ambientes, indicando vários elementos úteis para o desenvolvimento de uma região (FERNANDES-PINTO e MARQUES, 2004).

Relacionado a isso, a atividade pesqueira tradicional requer dos pescadores um conhecimento que possibilite a utilização dos recursos pesqueiros e garanta a sustentabilidade desta prática, sendo relevante o modo como esse conhecimento, os usos e os significados dos peixes são percebidos nas distintas sociedades humanas (RIVA et al, 2010).

Praticada pelo homem desde o tempo da pré-história, a pesca oferece meio necessário para subsistência de muitas pessoas. Ainda na segunda metade do século VIII a.C. a pesca já demandava aptidões do pescador exercida pelos Fenícios no Estreito de Messina (DIEGUES, 2003).

A tradição no trabalho com a pesca artesanal está refletida nas formas de concepção das coisas do mundo vivido, no tempo e no espaço, pelo pescador e sua família, onde as características essenciais da pesca estão relacionadas à formulação do conhecimento e habilidades para o seu exercício (VALENCIO et al, 2003).

A pesca artesanal tem como base a organização familiar produzindo de acordo com suas práticas culturais tradicionais, geralmente em rede local, com as divisões do trabalho e tarefas, dentre estas a produção e conserto dos seus apetrechos de pesca, objetivando meios econômicos de sobrevivência (PENA E GOMEZ, 2014).

Nesta perspectiva, a unidade familiar é também uma característica importante no modo de vida das populações pesqueiras, que produzem para sua subsistência e para o mercado, ao qual o conhecimento aprofundado sobre os ciclos naturais e a oralidade em sua transmissão são características importantes na definição dessa cultura (DIEGUES, 2007).

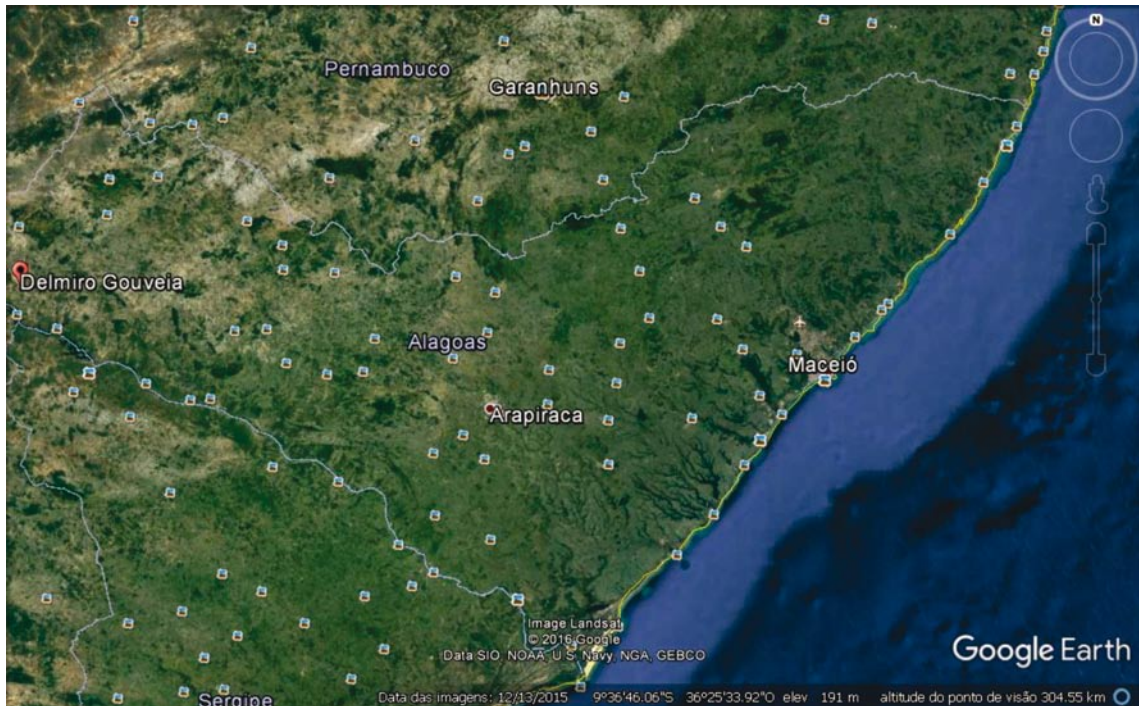
Diante disso, este trabalho teve como objetivo pesquisar sobre as percepções que os pescadores artesanais têm em relação aos peixes capturados no Baixo São Francisco e a participação disso na Gestão Socioambiental.

1 MATERIAL E MÉTODOS

ÁREA DE ESTUDO

O estudo foi realizado no município de Delmiro Gouveia, que está localizado no extremo oeste do Estado de Alagoas (figura -1). Sua área municipal ocupa 608,491 km², está inserida na mesorregião do Sertão Alagoano e na microrregião Alagoana do Sertão do Baixo São Francisco, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2014).

Figura 1 – Localização do município de Delmiro Gouveia – AL.



Fonte: Adaptado do Google Earth (2016).

2 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A coleta de dados deu-se no mês de maio de 2016, mediante entrevista pessoal com base em um questionário previamente elaborado sobre a atividade pesqueira, espécies de peixes da região e seus usos. A entrevista foi realizada com 20 pescadores artesanais em exercício, ao qual fazem parte da Associação de Pescadores do município supracitado, conhecida por Colônia Z-26 e que se disponibilizaram a participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, haja vista que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP em 11/03/2016, ao qual gerou o CAAE:52223415.5.0000.0057.

As questões da entrevista seguiram um roteiro flexível, permitindo adaptações e enriquecimento, quando necessário, a fim de possibilitar que os entrevistados se sentissem à vontade para falar sobre suas experiências e percepções, de modo que o pesquisador interferisse o mínimo possível.

Para análise de dados utilizou-se abordagem quali-quantitativa, buscando avaliar o conhecimento de cada entrevistado na prática, sobre espécies capturadas, seus usos e a gestão socioambiental neste contexto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após análise dos questionários pode-se observar que as espécies atualmente capturadas no Baixo São Francisco são: Tucunaré, Apaiari, Tilápia, espécies denominadas exóticas, na percepção dos pescadores. Além da Corvina, Pacu, Mandi-amarelo, Caboje (Mandi-armado) e Pirambeba, que são consideradas nativas para os pescadores.

Em cima do supramencionado, tal conhecimento tradicional e cultural relacionado a nomenclatura popular dos peixes, concerne com as classificações de espécies encontradas na literatura científica, a saber, no manual de identificação de peixes da região de Três Marias, é discriminado os nomes vulgares e científicos destas (tabela -1), dentre outras espécies (BRITSKI et al, 1984).

Tabela 1 – Nomes popular e científico das espécies capturadas por pescadores artesanais do município de Delmiro Gouveia – AL.

Nome popular	Nome científico
Tucunaré	<i>Cichla kelberi</i> (Kullander; Ferreira, 2006)
Apaiari	<i>Astronotus ocellatus</i> (Swainson, 1839)
Tilápia	<i>Oreochromis niloticus</i> (Linnaeus, 1758)
Corvina	<i>Plagioscion squamosissimus</i> (Heckel, 1840)
Pacu	<i>Metynnis lippincottianus</i> (Cope, 1870)
Mandi-amarelo	<i>Pimelodus maculatus</i> (Lacépède, 1803)
Caboje(Mandi-armado)	<i>Franciscodoras marmoratus</i> (Reinhardt, 1874)
Pirambeba	<i>Serrasalmus brandtii</i> (Lütken, 1875)

Fonte: Dados coletados nas entrevistas em maio, Autor (2016).

Barbosa e Soares (2009) descrevem que as espécies, corvina, pacu, mandi-amarelo, caboge e pirambeba, são nativas ou endêmicas, dependendo da família do exemplar. Já as espécies Tucunaré, Apaiari e Tilápia, são exóticas, porque vieram de outras Bacias e adaptaram-se a do Rio São Francisco. Sousa et al (2012) afirma que os pescadores artesanais possuem um vasto conhecimento acerca da classificação, biologia e utilização dos recursos naturais no local onde vivem, porque mantem contato direto com o ambiente natural.

Na percepção dos pescadores os peixes citados representam tudo, pois são imprescindíveis a sua existência, corroborando com Freitas e Nogueira (2012) ao qual mencionam que os pescadores artesanais do trecho do Baixo São Francisco, dependem absolutamente desses peixes para sobreviverem. Em conformidade também com Leff (2001), onde afirma que a sobrevivência dos pescadores artesanais, depende diretamente dos pescados capturados.

Associado ao uso dos peixes capturados, os resultados mostraram que 90% dos pescadores responderam que os vendem, como também consomem e apenas 10% dos pescadores, os utilizam somente para a própria alimentação, condizendo com Begossi (2004), ao qual cita que grande parte dos pescados capturados na Mata Atlântica e na Amazônia também são comercializados, ao passo que o consumo é mais importante em momentos de escassez de recursos monetários.

Ainda neste contexto, Pieve et al (2009) cita também que a maior parte dos pescadores de Lagoa Mirim – RS vendem e consomem sua produção e que o consumo geralmente é feito em maior quantidade nos acampamentos de pesca. Neste estudo ressalta-se ainda que as respostas associadas ao comércio dos peixes vinham acompanhadas das palavras sobrevivência e sustento, que para eles está atrelado à venda do peixe, além do fato de se alimentarem dele.

De todas as espécies citadas, apenas duas são utilizadas para fins medicinais, ao qual fazem uso do Mandi-amarelo para combater o colesterol; e o Caboje (Mandi-armado), é utilizado como afrodisíaco. Contradizendo essas afirmações, Costa-Neto et al (2002) relata que o Mandi-amarelo e o Caboje, entre outras espécies são remosas (carregadas), ou seja, estas não podem ser consumidas por mulheres paridas, em período de lactação e ou menstruadas, bem como para pessoas operadas e que apresentam ferimentos no corpo.

A Corvina não foi citada como medicinal pelos pescadores entrevistados, porém, Pieve et al (2009) relatam que as pedras encontradas em sua cabeça, quando retiradas e embrulhadas em sacolas curam bronquite, inflamações de ouvido e garganta. Filho (2007) cita que a corvina apresenta altos valores de Ômega – 3, sendo indicada para problemas coronarianos.

Ainda neste contexto, Costa-Neto et al (2002) em trabalho semelhante descreve que a pedra (otólito) encontrada na cabeça dessa espécie é torrada e o pó é colocado em água morna, a qual é oferecida ao indivíduo que estiver sem urinar e aqueles que sofrem de asma. Além de ser usada dentro do bolso de vestimentas para tratar dores de coluna.

Contrariando o que já foi exposto pertinente ao uso medicinal das espécies citadas, Pompeu (1999) cita que a Pirambeba, foi o único peixe conhecido como terapêutico na região do Baixo São Francisco, onde o seu caldo tem propriedades afrodisíacas, em conformidade com Andrade e Costa-Neto (2001) que fizeram observações semelhantes na cidade de São Felix – BA.

Relacionado à influência que a percepção de conhecimento dos pescadores tem na gestão socioambiental dos recursos naturais, é sua vivência e experiência, que os tornam bastante relevantes em relação ao manejo desses recursos, principalmente dos pesqueiros. Pois segundo Diegues et al (2000) os saberes das comunidades tradicionais estão profundamente ligados a visão de mundo e práticas culturais simbólicas e não, exclusivamente a conceitos e práticas científicas, em sua acepção moderna.

Conforme Mendonça (2006), do ponto de vista socioambiental, a caracterização ocupacional dos pescadores artesanais envolve uma diversidade de modalidades de técnicas de trabalho, modos de apropriação dos recursos pesqueiros, formas de organização social da extração e distribuição do pescado, o que a qualifica como uma atividade de trabalho sofisticada.

Sua característica artesanal possibilita ao trabalhador da pesca uma diversidade de interações com o meio, incluindo a manutenção e recriação do seu ambiente de trabalho, ou seja, tornando-o um espaço socioambiental. Ao qual conforme Montibeller Filho (2004, p. 8): “o espaço socioambiental, é a área geográfica na qual uma determinada economia se abastece de recursos e onde despeja suas emissões”.

Para Leff (2007), apesar de cada grupo social ter uma forma de relação e apropriação dos recursos naturais, pescadores ou indígenas podem melhorar suas demandas imediatas por meio da incorporação de uma consciência ambiental, que incide, por exemplo, nos padrões de uso de seus recursos, haja vista que tais saberes ainda não são devidamente aproveitados, no que diz respeito à manutenção e o uso sustentável do qual necessitam indistintamente para viver.

Um exemplo do que foi exposto, é a época do defeso, que se trata de uma Portaria do IBAMA instituída em 2007, estabelecendo regras para a gestão do uso sustentável dos recursos pesqueiros, mais precisamente das normas de pesca para o período de proteção à reprodução natural dos peixes na Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, que ocorre anualmente de 1º de novembro a 28 de fevereiro (IBAMA, 2007), porém, que na maioria das vezes não é acatada.

Esta pesquisa revelou que 90% dos pescadores artesanais entrevistados, não respeitam essa época do ano e alguns são desprovidos de informações acerca do tamanho de captura das espécies da Bacia do São Francisco, o que pode ser evidenciado em alguns depoimentos (tabela -2).

Tabela 2 – Depoimentos de pescadores artesanais acerca do defeso, no município de Delmiro Gouveia – AL.

FALAS DOS PESCADORES RELACIONADAS AO DEFESO/PIRACEMA
“Não respeito essa época, vivo disso” (Povoado Salgado – Delmiro Gouveia)
“Não sei o tamanho certo que posso pescar estes peixes” (Povoado Cruz – Delmiro Gouveia)
“Pesco qualquer tamanho de peixe, não vou morrer de fome” (Distrito Lagoinha – Delmiro Gouveia)
“Não sei o tamanho certo de pescar estes peixes” (Assentamento Lameirão – Delmiro Gouveia)

Fonte: Dados coletados nas entrevistas em maio, Autor (2016).

O supracitado corrobora com Oliveira e Souza (2013) ao qual descreveram que mesmo proibida a pesca no período do defeso, muitos pescadores não demonstram a consciência de que preservar as espécies é ter a garantia de peixes para sempre. Segundo eles falta uma política de educação ambiental, de corresponsabilidade com a população, para inibir as práticas criminosas de desrespeito à preservação da fauna do Rio São Francisco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação às percepções dos pescadores conexo aos peixes, ficou claro que estes atores sociais, tem um ótimo nível de conhecimento sobre suas nomenclaturas, mesmo que sejam populares; os reconhecem como essencial para sua sobrevivência, sendo usados principalmente para o comércio e consumo próprio, além de empregados para fins medicinais, onde do ponto de vista socioambiental, todas estas percepções mostram uma interação entre os pescadores e seu ambiente, explicada pelo conhecimento de suas relações ou comportamentos utilizando-os em prol da comunidade.

Ainda associada à gestão socioambiental, o fato dos pescadores artesanais em sua grande maioria não respeitarem a época de reprodução das espécies, representa que a continuidade destas está ameaçada no Baixo São Francisco, e que os próprios sobreviventes do rio são também responsáveis por tal problemática, sobretudo pela ausência de conhecimento em relação ao tamanho correto de captura dos peixes nativos e ou endêmicos que ainda existem nestas águas.

Diante do exposto, os resultados revelaram que os pescadores artesanais precisam de acompanhamento dos órgãos ambientais estaduais, federais e municipais, principalmente de universi-

dades, onde em parceria podem promover palestras de educação ambiental a fim de informá-los e compartilhar conhecimentos, tornando-os ainda mais capazes para utilizar das espécies do São Francisco sem exauri-las, contribuindo assim de forma sustentável em suas comunidades.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Juliana Nascimento; COSTA-NETO, Eraldo Medeiros. **Primeiro registro da utilização medicinal de recursos pesqueiros na cidade de São Félix, Estado da Bahia, Brasil.** Acta Scientiarum. Biological Sciences, 2001. ISSN:1807-863X, v. 27, n. 2, p.177-183, Maringá, PR, Brasil. Disponível em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciBiolSci/article/view/1328/766>.

BARBOSA, José Milton; SOARES, Emerson Carlos. **Perfil da ictiofauna da Bacia do São Francisco:** Estudo preliminar. Revista Brasileira de Engenharia de Pesca, v. 4, n. 1. Maranhão, 2009. ISSN 1980-597X

BEGOSSI, Alpina. **Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia.** São Paulo: Hucitec: Nepam/Unicamp: Nupaub/USP:Fapesp, 2004.

BRITSKI, Heraldo Antonio (et. al). **Manual de identificação de peixes da região de Três Marias.** 3ª ed. Brasília, Câmara dos Deputados/CODEVASF, 1984.

COSTA-NETO, Eraldo Medeiros (et. al). **O conhecimento ictiológico tradicional dos pescadores da cidade de Barra, região do médio São Francisco, Estado da Bahia, Brasil.** Acta Scientiarum, Maringá, v. 24, n. 2, p. 561-572, 2002.

DIEGUES, Antonio Carlos. **Água e cultura nas populações tradicionais brasileiras.** In I Encontro Internacional: Governança da Água, São Paulo, 2007.

DIEGUES, Antonio Carlos. **A socio-antropologia no Brasil:** Uma área de pesquisa emergente. In: Diegues, A. Ecologia Humana e Planejamento Costeiro. 2 ed. São Paulo, NUPAUB, 2003.

DIEGUES, Antonio Carlos (et. al). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil.** São Paulo – SP: MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, DOS RECURSOS HÍDRICOS E DA AMAZÔNIA LEGAL. COBIO-COORDENADORIA DA BIODIVERSIDADE. NUPAUB-NÚCLEO DE PESQUISAS SOBRE POPULAÇÕES HUMANAS E ÁREAS ÚMIDAS BRASILEIRAS-USP, 2000.

FERNANDES-PINTO, Érika; MARQUES, José Geraldo Wanderley. **Conhecimento**

etnoecológico de pescadores artesanais de Quaraqueçaba – PR. Enciclopédia Caiçara, v. 1, 382, 2004.

FILHO, Manoel Mendes Ramos. **Qualidade nutricional da fração lipídica de espécies de peixes da região Pantaneira de Mato Grosso do Sul.** Brasília – DF, 2007.

FREITAS, Luana Oliveira; NOGUEIRA, Eliane Maria de Souza. **Caracterização socioeconômica ambiental dos pescadores de Piranhas, Alagoas, Baixo Rio São Francisco.** Anais do 1º Seminário Internacional de Ecologia Humana, v. 1, n. 1. Salvador: EDUNEB, 2012. ISSN: 2316-7777.

GUIANET. **O guia do Brasil. Mapa do estado de Alagoas.** 2011. Disponível em: < <http://www.guianet.com.br/al/mapaal.htm>>. Acesso em: 03/jan/2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Dados dos Municípios.** Delmiro Gouveia, Alagoas, IBGE: 2014. Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=270240>>. Acesso em: 03/jan/2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS RENOVÁVEIS. IBAMA. **Decreto n.50/2007, de 05 de novembro de 2007.** Aprova a estrutura regimental do IBAMA, publicada no Diário Oficial da União de abril de 2007.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: sustentabilidade, complexidade, poder.** Petrópolis: Vozes, 2001.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental.** São Paulo: Cortez, 2007.

MENDONÇA, Sandro Augusto Teixeira de. **A influência do conhecimento tradicional na formulação de políticas públicas: o caso da pesca artesanal do rio São Francisco.** São Carlos, SP, 2006.

MONTIBELLER FILHO, Gilberto. **Espaço socioambiental e troca desigual.** Revista Interthesis, p. 01-20, 2004.

NASCIMENTO, Eliene Urbano Alves. **Etnoecologia: Percepção ambiental da comunidade sertaneja povoado Juá – Paulo Afonso/BA.** 2010. Monografia (Graduação de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas) - Universidade do Estado da Bahia – UNEB, 2010.

OLIVEIRA, Lúcia Marisy Souza Ribeiro de; SOUZA, Jackeline Maria de. **Pescadores artesanais, meio ambiente e sustentabilidade.** Revista Evolvere Scientia, v. 1, n. 1, p. 62-71, 2013.

PENA, Paulo Gilvane Lopes; GOMEZ, Carlos Minayo. **Saúde dos pescadores artesanais e desafios para a vigilância em saúde do trabalhador**. Revista Ciência e Saúde Coletiva. v. 19, n. 12, p. 4689-4698, 2014.

PIEVE, Stella Marins Nunes (et. al). **Pescadores artesanais da Lagoa Mirim: etnoecologia e resiliência**. 243p., MDA, Brasília, Brasil, 2009. ISBN: 978-85-60548-55-2.

POMPEU, Paulo dos Santos. **Dieta da pirambeba *Serrasalmus brandtii* Reinhardt (Teleostei, Characidae) em quatro lagoas marginais do rio São Francisco, Brasil**. Revista Brasileira de Zoologia, 1999. ISSN: 0101-8175, v. 16, n. 2, p. 19-26. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-81751999000600003>

RIVA, Poliana Barbosa da (et. al). **Conhecimento etnoictiológico e percepção ambiental de pescadores da região da planície alagável do alto rio Paraná**. UTFPR, 2010.

SOUSA, Edlyn Rosanne Miranda de. (et. al). **Avaliação da percepção ambiental da comunidade ribeirinha Vila Rio no município de Conceição do Araguaia – PA**. In III Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental, Goiânia – GO. IBEAS – Instituto Brasileiro de Estudos Ambientais, 2012.

VALENCIO, Norma Felicidade Lopes da Silva (et. al). **Da tarrafa ao tanque-rede: O Processo Político-Institucional de Extinção de uma Categoria de Trabalhadores das Águas**. IN: Uso e Gestão de Recursos Hídricos no Brasil: Desafios Teóricos e Político-institucional. Valencio – São Carlos, SP: RIMA, p. 271 – 293, 2003.